

**O morar, entre o ato e o objeto:
Um estudo do espaço a partir das subjetividades.**

Rodrigo de Oliveira Soares *

Introdução : A consolidação Residencial Real Conquista (Goiânia – GO)

“O século XX é século das cidades”. Jorgi Borja

O assentamento no Real Conquista começou a se delinear a partir de Janeiro de 2007, seus membros são oriundos de uma desocupação de uma invasão em 2005, em um bairro valorizado pelo capital imobiliário, o Parque Oeste Industrial na região sudeste de Goiânia. Para assenta-los foi escolhido o terreno, perto do residencial Itaipu bairro da periferia da cidade, havendo participação de membros dos ex-ocupantes do Parque Oeste / Sonho Real, na escolha do terreno, que necessitava seguir algumas diretrizes, como estar em zona urbana, facilidade de acesso, ter uma viabilidade real de construção de infraestrutura e, principalmente, ser uma área regularizada (mesmo ambientalmente falando), critério esse alcançado pelo **DECRETO DE LEI No 1896, DE 05 DE OUTUBRO DE 2006.**

Decretada a área pela prefeitura, que também fica como responsável pela construção do alicerce do novo assentamento, o governo estadual, através da Agência Goiana de Habitação (AGEHAB), fica responsável pelo cadastramento dos moradores, projeto do bairro e da casa, e controle dos recursos e o governo federal com mais recursos financeiros, segundo o Manual do Cheque Moradia, programa do governo para política pública de habitação, que tem em sua estrutura, ser títulos de pagamento de ICMS, doados a indivíduos, exclusivamente para construir ou reformar a moradia, o comerciante que recebe esse título pode usá-lo para quitar seus débitos de ICMS; como moeda de compra para com seus fornecedores que, também, o podem com o mesmo intuito.

* Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC –GO), especialista em História Cultural pela mesma Universidade, mestre em Geografia pela Universidade Brasília (UNB), Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás.

Outra parte dos recursos vem do FGTS liberado pelo Governo Federal através do recurso disponibilizado e feito de forma com que a coletividade receba o benefício. A administração de todo processo é feita pela AGEHAB[†], como cadastramento, escolha de prioridade, engenharia, arquitetura e outros projetos do conjunto habitacional.

Para terem acesso à casa no Residência Real Conquista, é necessário pré-requisitos que atendam regras preestabelecidas pela AGEHAB para que se tenha acesso aos recursos para a construção da casa. Outro fator que nos chama a atenção é a necessidade da veracidade das referidas informações, para que se excluam pessoas que estejam com renda e possibilidades acima do padronizado pela AGEHAB, pois *“As famílias são selecionadas por computadores programados aos critérios socioeconômicos, absolutamente técnicos, que priorizam as famílias mais carentes.”* (Manual do Cheque Moradia). Assim, elas assinam um contrato, segundo o qual devem residir durante oito anos nas casas, sem poder vendê-las ou abandoná-las sob pena de perdê-las e serem passadas para outros, recebendo no fim dos oitos anos a escritura definitiva de propriedade.

Um fato que nos chamou a atenção no dia de uma de nossas entrevistas, uma jovem, porém cercada de umas quatro crianças, chega ao senhor Valdomiro denunciando a venda de umas das casas vizinhas, **pra fumar**, isso em sua fala, inconformada, ela justifica a denúncia como ideia de que a casa é para quem precisa e não um objeto à venda.

Utilizamos dessa ponte para demonstrar outro sujeito nesse processo de assentamento os moradores que, além dos membros institucionais, têm sua participação necessária. No caso do Real Conquista, a associação de moradores é a ponte das instituições do Estado com os moradores, ainda são responsáveis pelo cadastramento, a seleção da mão-de-obra na construção das casas, seguranças do bairro, sendo que todas essas funções remuneradas pelo Estado. De todas as etapas de participação do assentado, o que mais chamou a atenção, era o morador que participava da construção

[†] Agência Goiana de Habitação

de sua própria casa, mas essa dinâmica com o tempo se transformou, ficando apenas os trabalhadores que “pegaram o jeito” da feitura das casas.

Interferências – materializando o sonho

Dona Rosilene ajudou, até certo ponto, na construção de sua casa (abandonou porque não tinha com quem deixar os setes filhos), seguindo os moldes prefixados pela AGEHAB, a casa segue um modelo de 40 metros quadrados, com dois quartos, sala, cozinha, banheiro e área de serviço.

A racionalidade (projeto) foi entregue para dona Rosilene e os outros desta maneira, **o que chamamos de casa de papel**, mas é através dos arcabouços nos dado pelo estudo das representações sociais que podemos entender como o indivíduo se apropria da casa de papel e a transforma na realidade do seu sonho, em resumo, como o indivíduo se apropria e interfere no espaço para que atenda as suas necessidades e se torne algo que percebemos visualmente.

Na visualidade, todas as casas que visitamos tiveram em seu plano inicial interferências dos moradores, o que antes era um padrão, hoje, cada uma segue uma estrutura diferente. Voltando ao caso da dona Rosilene, quando perguntada se a casa já estava do jeito que ela pensava, a negativa é imediata, “{...} **ela não tá do jeitinho do que eu quero não**”, cada uma segue a demanda pensada individualmente, para que a casa corresponda a esse desejo.

Aqui, através da subjetivação, o espaço da casa vai além do projeto, transformando-se e sendo facilmente reconhecido o indivíduo que ali vive, em cada casa que entramos, percebemos na ordem ou na desordem, disposição do mobiliário ou ausência deste, que tudo já compunha um relato de vida (CERTEAU, 2003), cada casa é o “*espaço e corpo vivido*” (GUATTARI:1992), inseparabilidade que valida o espaço de nossa discussão, **o espaço humano** “*ele é do homem, é seu lugar de vida e trabalho*”. (SANTOS, 2004),

Interferir no espaço é torná-lo racional (inteligível), é criar uma lógica própria, da relação entre o homem e o espaço, é individualizá-lo, tornando único, porém

inserindo essa perspectiva racionalizante em um todo, já existente, em uma dialética entre o micro–macro, individualidade–totalidade, como nos ensina Milton Santos acerca do espaço.

Através da autoconstrução, o espaço imaginado pode se tornar materializado, como o fogão à lenha de Rosilene, a cozinha de Kilzes, a horta de seu Valdomiro e a pia nova de dona Maria, assim, o sonho da materialização da “casa se estende por muitos anos absorvendo a maior parte das economias como nos ensina Maricato.

Em alguns casos pela falta de dinheiro, esperam em Deus, ou no caso de Dona Dora, que em nossa visita não tinha nenhuma interferência, *“do jeito que a AGEHAB me entregou ela está {...}”* buscam em novas políticas públicas do governo formas de interferir no espaço da casa, no caso de Dona Dora, o dinheiro serviria para construção de uma área e um muro, para que ela pudesse ter mais privacidade e liberdade em sua residência.

Individualidade e Liberdade

A figura do muro, na perspectiva de uma análise da casa como uma representação social, nos remete a duas significações: a INDIVIDUALIDADE e a LIBERDADE que a casa dá ao ser humano. Segundo dona Dora, *“murar porque é bom”*, bom no sentido da segurança a qual ninguém poderá, como ela mesmo diz, mexer, é uma casa que se possa ir e vir dentro dela, longe dos olhos ou incômodo dos vizinhos.

“Só as casas reais poderiam dar individualidade” (Bachelard: 2005), essa afirmativa nos leva à seguinte conclusão: a individualidade só acontece no momento em que se possa viver na particularidade do cotidiano, ou seja, apenas com a casa materializada, como vimos anteriormente no período da luta (invasão – quadras – Grajaú), a individualidade era possível, peguemos o exemplo de Dona Roseli Salomé (2008): *“então... vivia naquela polêmica de marido com mulher como era perto um do outro um metro mais ou menos, todo mundo escutava a vida de todo mundo {...}”*

A individualidade é o poder de ter controle da própria vida, separar o público do privado. No privado, segundo Bachelard, o indivíduo se torna rei, senhor, encontra-se no seu canto do mundo, ou em seu próprio mundo, um protagonista.

A sua casa é uma propriedade, ou seja, não é de outro, segundo CERTEAU o outro em sua casa está estereotipado como a visita, se de bom grado for recebido e se portar bem, será lembrado como oportuno. Volto à figura do muro, porque é ele que dá proteção dos olhares indiscretos, para nossas atividades no interior da casa, dormir, divertir-se, o muro é o limite entre o corpo individual (casa) e o corpo social (viver em sociedade), essa relação corpo–casa nos faz citar a passagem a qual um amigo relata a CERTEAU o roubo de sua casa: **“senti como se fosse uma violação e sonhei com isso com temor e tremor por muitos dias” (2003)**. Essa passagem nos dá ancoragem necessária para entender o que representa o muro nessa relação do homem e o espaço da casa.

Essa segunda nuance dessa individualidade está ligada à intimidade dentro do próprio limite da casa, segundo os relatos, os principais meios de interferência da casa estão em dois cômodos, a cozinha e o quarto. A cozinha, um espaço de poder feminino, onde os segredos culinários ou conversas ao pé de ouvido são feitos, um local que precisa ser limpo, um local que necessita ser único, separado. Todos que entrevistamos têm esse objetivo de construir uma cozinha e de separá-la da sala (um conjugado de acordo com o projeto). O quarto, o lugar de repouso, de amor, para alguns de paz, porém de intimidade, principalmente pelo número de pessoas por famílias, é um fator para que se construa mais um ou dois quartos.

A liberdade é outro ponto em que casa tange no imaginário, primeiro e mais importante, está na liberdade de não mais pagar o aluguel. A representação social do aluguel para os moradores do Real Conquista está objetivada de forma a interpretá-la como grilhão, uma prisão, que depois de todo contexto, de toda luta, todo sangue, o rompimento, a leveza de não mais ter que esperar o dono(a) da casa vir pegar um dinheiro certo, a possibilidade de aplicá-lo em outras formas de gastos como comida, vestuário e na própria casa, segundo a moradora Elkisses (2008): “A casa foi minha libertação né, fruto de uma luta nossa.

A liberdade do aluguel dá a possibilidade de interferir na casa com liberdade, como diria dona Rosilene, **como construir o seu fogão de lenha em uma casa alugada?** Realmente, outra coisa notada, por exemplo, na casa de Dona Rosilene são as paredes escritas, creio eu, por ela mesma como frases de louvor a Cristo, os filhos espalhados no chão, podendo **“cavucar”** como ela mesma dizia, toda orgulhosa, essas práticas promovem **“uma sensação de segurança”** de novo segundo dona Elkisses, são as representações colocadas em ação.

Outra face da liberdade é a de ir e vir, na relação pública e privada, em que em primeiro lugar, ir ao público na segurança de existir a volta ao privado, longe das conveniências do corpo social, relata dona Elkisses: **“você chega as dezoito horas pai de família normal {...}, então uma pessoa que chega em casa as dezoito horas vai ter o seu lazer, vai mexer, fazer sua comidinha as veis ter uma comidinha gostosa em casa, vai assistir um jornal, vai tomar um banho depois vai ver uma filme com a família depois dorme um sono gostoso {...}**. A liberdade de receber o de fora ou o público, dentro do seu mundo, do encontro, poder se apresentar como espaço ao público, e submeter o público às suas regras .

Esse território pessoal e privado segundo Certeau é onde se constroem “modos de fazer”, ainda nos ensina uma ética privada, para isso a interferência no espaço faz com que os moradores pensem no aumentar da sala, na construção de uma área para o lazer e encontros, ou no moldar a casa para que crie sensação de tranquilidade e prazeres únicos, não encontrados lá fora. Na interferência, está a possibilidade de mostrar que a vida mudou, que estar em uma casa própria em si é mudar de situação social, ou a possibilidade de uma vida melhor.

Ter uma casa, ser um alguém, mudar de vida

Segundo Dona Rosilene (2008):

“Ter uma casa é tudo até numa loja que se foi comprar, se tem mais respeito dignidade {...}, depois de minha casa tudo ficou mais fácil, eu abri crédito nas lojas eu fui mais bem vista nos lugares né, até mesmo pra arrumar faxina trabalho de faxina agora entendeu {...}, eles que saber onde você mora de aluguel você não tem isso aí, se num tem, como é que fala esse elogio você não tem entendeu {...} uma moradia, uma casa, e uma dignidade pra uma família você chega em qualquer lugar até no banco pra abrir uma conta se

você não tiver uma propriedade, eles vão ficar assim mei lá mei cá entendeu, mas tendo residência própria, nossa o tratamento é diferente né, moradia e tudo é isso que tenho para dizer, para seus filhos para sua família

A partir desse relato, temos como afirmar que uma das principais formas de se ler a realidade da casa está na melhoria de vida, a esperança que era sonhada agora é uma esperança materializada. Para alguns moradores, os que não melhoraram de vida é porque **têm pobreza de espírito**, aqui percebemos que, para os moradores, que de certo modo deram novo ritmo na vida, apontar o que não empreendeu nenhuma melhoria, seria o mesmo que não dar valor à luta. Essa estagnação simboliza um atraso para o desenvolvimento do local; a segunda está na estabilidade que a casa nos dá, está na possibilidade de ter um endereço, representação de um enraizamento que, anteriormente, era impossível devido aos gastos com aluguel, eram peregrinos dentro da cidade.

O concreto da casa substitui os relacionamentos permeados no meio da polêmica, o lar é o esteio de relacionamentos estáveis, é lugar em que casamento e família encontram eixo. Sem uma casa, a instituição da família não existe, citam os moradores justificando a velho ditado, **Quem casa quer casa**. As famílias se encontram seguras no seio da casa, quando o enraizamento da casa se estabelece.

A estabilidade de perceber que depois de tanta luta, a paz reina, a possibilidade de planos se consolidam como ter seu mundo, e, principalmente, ser parte do mundo, conferir aqueles sujeitos, identidades ligadas ao lar onde se vive e se tem raiz, um lugar que ninguém lhe tira, pois foi comprada com luta.

A casa comprada com a luta

Pierre Bourdieu, em seus trabalhos sobre sociologia, lançou uma categoria nova para o conceito “capital”, cuja questão econômica é somada a novos tipos de recursos ou poder que possam dar status, colocando que as desigualdades não são apenas econômicas, mas também em campos como cultura, sociedade e o principal, o simbólico.

Para trabalhar com as representações sociais da casa, constaremos como capital todo o investimento emocional dos moradores do atual Real Conquista, para adquirir seu sonho, ou seja, utilizamo-nos do termo capital emocional.

As casas compradas com dinheiro são de alvenaria, as casas do Real Conquista foram compradas com sensibilidades e sensações, são fundadas em dor, sofrimento, humilhação e sangue. De acordo com os relatos, casas adquiridas com capital emocional são passíveis de interferência, porém, impossível, como qualquer outro bem, de serem vendidas, ou seja, transformadas em dinheiro.

Para os nossos relatores, a relação do dinheiro com suas casas está na esfera da interferência que ele pode efetivar em nome da materialização do sonho. Segundo Dona Dora, “*nem quando morrer quero que se desfaçam da casa, pudesse até alugar, mas, vender a outrem jamais*”, capital emocional não é um capital de negócios, o lucro é a felicidade.

Assim, o estudo das representações sociais nos mostram como a ideologia dominante é apropriada por esses moradores e como conceitos vulgarizados são apropriados, e recebem novas categorias para que esses indivíduos consigam analisar e pensar sua situação como atores sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa relação entre espaço e subjetividade, captada nos relatos proferidos pelos moradores, nos serviram para entender como todo processo se desenvolveu, e ainda mais, como todo processo teve significado para esses atores, esses indivíduos. É nos espaços da casa que ele se relaciona com o resto da cidade, é nele que se localiza e se coloca como protagonista.

Os moradores do Residencial Real Conquista, como um caso específico de estudo, se tornam um campo fértil de análise, na ordem da discussão representacional, desde a fundação de Goiânia, vinculada fortemente a simbolizar um processo, uma transformação de ordem, no intuito de ser o ícone moderno no coração do Brasil, sua

administração, na tentativa de se diferenciar do antigo clientelismo, instaurar uma racionalização de controle da cidade.

A casa do Real Conquista é propriedade, mas a visão capitalista do imóvel é repleta de significações, a casa construída com sangue, a casa comprada com luta, o investimento de esperança. Isso nos deu uma licença teórica para inserir a ideia de **capital emocional**, seguindo as indicações acerca do capitalismo nos feita por Bourdieu, essas significações simbólicas, convencionalizadas nas representações dos indivíduos inseridos naquele contexto, nos mostra como apropriação da ideologia dominante é feita de formas diferentes.

Ao trabalhar com essas representações, e buscar no senso comum um *“corpo organizado de pensamento”* (GEERTZ, 1997), proporcionando construir conhecimento a partir da experiência, na *“vida como todo”* (GEERTZ, 1997).

Buscar na visão dos moradores como a racionalização da casa é feita em sua convivência espacial é buscar aprofundar nas interpretações sobre o espaço da cidade, entender as relações do indivíduo e a cidade onde vive e, desse entendimento, contribuir para estudo da Geografia na questão sobre cidade.

Outro enfoque está diretamente no estudo do espaço, quando iniciamos os trabalhos, tivemos a pretensão de discutir o conceito espaço, porém com algumas observações feitas ao trabalho em sua feitura, concentramo-nos na pesquisa e nos resultados que ela poderia nos dar. Com isso, é definir os caminhos do trabalho de acordo com o processo que se encaminha a pesquisa, o espaço como objeto, não é o espaço acabado da teoria, mas uma construção feita por definições diversas, na qual essa teoria nos serviu como aporte justificador da trama.

Estudar o Real Conquista em princípio tinha um objetivo ideológico quase panfletário que poderia hoje, cremos, empobrecer esse trabalho, no entanto, com o processo de feitura, percebemos que poderia contribuir de outra forma: primeiro na perspectiva de ter o senso comum como fonte de conhecimento, isso traz o homem comum para junto da ciência; e segundo na perspectiva da construção da ciência histórica, por isso, em nosso trabalho colocamos os caminhos a se perscrutar, os

recursos que conseguimos na pesquisa, e como lidar com eles na busca de contribuir com a pesquisa em História

BIBLIOGRAFIA.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Nova Cultural - **Os Pensadores** - 1988.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Minas Gerais: Editora UFMG e São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo Perspectiva, 2005

BRANDÃO, Ludimila de Lima. **A Casa Subjetiva**. São Paulo: Perspectiva, 2002.x

CARPENTÉRIO, Marisa Varanda. **A construção de um sonho** : Os engenheiros arquitetos e a formulação da política habitacional brasileira. Campinas: Editora Unicamp. 1997.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 11ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005

_____. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 11ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003

GEERTZ, Clifford. O Saber Local. Petrópolis, RJ : Editora Vozes, 1997.

GUATTARI, Felix. **CAOSMOSE: um novo paraíso estético**. São Paulo: Editora 34, 1992.

JODELET, Denise (organizadora). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2001 .

MARICATO, Ermínia. Autoconstrução, a arquitetura do possível. In MARICATO, E.; OLIVEIRA, F. (Orgs). **A produção capitalista da casa (e da cidade)**. São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1979.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social** – Petropolis, RJ: Vozes, 2003

PONTY, Maurice – Merleau. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço**. São Paulo: EDUSP, 2006.